

Reconhecer o papel do professor

A falta de professores em Portugal é já uma realidade notória, que chegou não só aos meios de comunicação mas também ao debate político. A escassez estava há muito anunciada e há estudos detalhados a estimar as diferenças entre as necessidades previsíveis para os próximos anos e a capacidade de formação de novos professores.

Não deixa de ser surpreendente que um fenómeno tão bem previsto esteja por vezes a ser tratado como se a sociedade e os governantes tivessem sido apanhados de surpresa. Infelizmente, a pressão para uma solução urgente pode limitar a capacidade de reflexão.

Dado que a falta de professores é um problema global, que afeta também outros países desenvolvidos, é natural que se pense em soluções que vão sendo propostas ou levadas à prática noutros países.

Entre as soluções propostas figuram a formação acelerada de licenciados em diferentes áreas e a lecionação por docentes formados para áreas diferentes. Seria assim possível que um licenciado em arquitetura desse aulas de Matemática, desde que fizesse uma breve formação pedagógica. Ou que o professor de Economia passasse a dar aulas de Matemática.

Este tipo de soluções tem implícita uma hipótese: o trabalho do professor de Matemática seria pouco especializado e poderia ser desempenhado por qualquer pessoa com formação superior e algum conhecimento de Matemática. Este professor poderia mesmo ser apenas alguém que ajuda a administrar ao aluno um currículo concretizado em materiais fornecidos por outras entidades.

Se a função do professor fosse apenas vigiar o aluno enquanto este seguisse os procedimentos automáticos (eventualmente geridos por sistemas de inteligência artificial), então seria possível ter uma mão de obra menos especializada, de formação rápida, abundante, mais barata e com uma alta taxa de rotação.

Apesar de parecer distópica, esta visão parece ter algum acolhimento em certas áreas da sociedade e é compatível com visões do currículo e da educação que reduzem os objetivos a aspetos facilmente programáveis e mensuráveis. Se só esperarmos da educação o que pode ser feito por meios automáticos, poderemos mais facilmente industrializar o processo. O que parece escapar a esta visão é que se um conjunto de procedimentos pode ser promovido por um sistema de inteligência artificial, então é muito provável que um sistema de inteligência artificial seja capaz de reproduzir esses procedimentos melhor do que qualquer humano.

Será isto que esperamos da educação das nossas crianças e jovens?

Em Portugal, o documento de referência é o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e apresenta-nos uma visão da educação que vai muito além da mera instrução (mais ou menos programada). Esta visão serviu de base às Recomendações para a Melhoria das Aprendizagens dos Alunos em Matemática e às Novas Aprendizagens Essenciais.

Os novos documentos curriculares destinam-se a professores que são profissionais altamente especializados, que não só dominam a sua área científica como dominam a didática, são capazes de compreender que os alunos não são todos iguais e são capazes de ajustar as suas abordagens aos alunos com que trabalham, nos contextos em que se encontram. Este nível de especialização não se adquire apenas com uma formação inicial. Pressupõe também prática profissional.

Em termos de especialização, estes professores estão mais próximos de um médico especialista ou de um músico profissional numa orquestra, do que de um vendedor que promove produtos desenvolvidos por outros ou de um músico amador, que toca numa banda aos fins de semana.

Estes professores devem dispor de um nível local de decisão sobre o currículo, como consta das Recomendações. Este nível de decisão permite adequações aos interesses e necessidades dos alunos.

Neste momento, mais do que resolver a falta de professores, temos o desafio de a resolver reconhecendo a todos os níveis que se trata de uma profissão altamente especializada. Isto implica a valorização social e material, e implica resistir à tentação de achar que o papel do professor pode ser desempenhado por qualquer pessoa com uma formação mínima.

Implica que haja carreiras estáveis e tempos específicos, de modo que o professor possa manter sempre um processo de desenvolvimento profissional. Seja logo após a formação inicial, de modo a completar na prática a sua formação, seja depois, de modo a manter-se atualizado em todas as dimensões do seu saber profissional.

Uma educação de qualidade será sempre condicionada pelo desenvolvimento profissional dos seus professores. É fundamental que a sociedade reconheça, de todos os modos, os professores como profissionais de elevado grau de especialização, para promovermos um futuro melhor para todas as nossas crianças e jovens.

CARLOS ALBUQUERQUE

FACULDADE DE CIÊNCIAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA